

## AVALIAÇÃO VERSUS APRENDIZAGEM

Por **Risia Kelly V. B. Resende** -

Graduada em Letras pela Universidade Estadual do Mato Grosso e  
Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal do Mato Grosso.

Um assunto muito discutido, dentro do modelo educacional na sociedade atual versa sobre a relação existente entre o certo e errado. E o que define os padrões a serem seguidos são os contratos sociais pré-estabelecidos, que carregam em si normatizações criadas e fundamentadas em uma subjetividade que se repete ao longo do tempo. Para Lima (2003, p.6) “avaliar é uma das atividades mais comuns na vida cotidiana de todo ser humano e é um componente fundamental no processo de desenvolvimento humano”.

No que diz respeito à mensuração do certo e errado, no contexto escolar, há um fervente questionamento sobre se a maneira com que a avaliação<sup>1</sup> tem sido aplicada demonstra ter alcançado o saber, ou se trata apenas de um mecanismo de aprovação ou reprovação. De acordo Luckesi (2003, p.16)

A tradição dos exames escolares, que conhecemos hoje, em nossas escolas, foi sistematizada nos séculos XVI e XVII, com as configurações da atividade pedagógica produzidas pelos padres jesuítas (séc. XVI) e pelo Bispo John Amós Comênio (fim do séc. XVI e primeira metade do século XVII). No entanto não era esse termo específico o usado, o termo avaliação de aprendizagem passou a vigorar apenas em 1930 por Ralph Tyler educador norte americano”.

Afonso (2000, p.30) sustenta “portanto, ao longo do século XIX que se assiste à multiplicação de exames e diplomas, pondo em evidência o contínuo controle por parte do Estado dos processos de certificação”.

Além disso, inserido em um contexto onde os fatores externos influenciam significativamente no processo de aprendizagem da criança, os métodos de avaliação tradicionais estão sendo rediscutidos, pois segundo o autor eles constituem mais em um instrumento estático e freador do processo de crescimento do que uma maneira de diagnosticar se a aprendizagem têm sido eficaz ou não. O que se percebe é que a avaliação tem sido utilizada mais como um instrumento para disciplinar condutas sociais consideradas inadequadas, do que para identificar o quanto de conhecimento o aluno absorveu. LUCKESI (1995, p:67) afirma ainda

---

<sup>1</sup> Avaliação: a avaliação consiste no ato ou efeito de avaliar, apreciação, análise; valor determinado pelos avaliadores (VASCONCELOS, 1994, p.15).

Esses instrumentos de avaliação são cotidianamente construídos da seguinte maneira: Próximo do final da unidade de ensino, o professor formula o seu instrumento de avaliação, a partir de diversas variáveis: conteúdo que o professor ensinou efetivamente; conteúdos que o professor não ensinou, mas que deu por suposto ter ensinado; conteúdos “extras” que o professor inclui na elaboração do teste, para torná-lo mais difícil; o humor do professor em relação à turma que ele tem pela frente; a disciplina social desses alunos.

Assim, a avaliação tem exercido o papel de classificar o aluno diante da nota que ele apresenta em um momento específico, ignorando os fatores externos que podem influenciar na reprodução dos conhecimentos obtidos. Aliados a essas práticas não é difícil encontrar situações em que notas são dadas como recompensa por uma boa conduta, para que seja exemplo aos demais, no momento isso pode não parecer ser prejudicial, mas em longo prazo haverá lacunas difíceis de ser preenchidas, como nos afirma LUCKESI (1995, p.68)

Ainda, por vezes, se acrescentam pontos a mais ou pontos a menos ao aluno, a depender de sua conduta em sala de aula. Esses podem decorrer de condutas inteligentes em relação a matéria ensinada, podem decorrer de atitudes disciplinares, podem corresponder a condutas responsáveis ou não dos alunos etc.

O que se vê são práticas autoritaristas adotadas por aqueles que representam a instituição de ensino. É necessário atentar para o fato de que as práticas pedagógicas estão inseridas em um contexto histórico; social e ideológico, assim, acaba por refletir aquilo que acontece ao seu redor. Para LUCKESI (2003, p. 28) esse autoritarismo não admite uma postura neutra e indica uma defasagem no entendimento e na compreensão da prática social. Para ele a avaliação no Brasil tem seguido uma pedagogia dominante com um modelo liberal conservador que nasceu na Revolução Francesa e ainda traz reflexos da estratificação social.

Se a prática avaliativa não ficasse restrita a um momento em especial, ela poderia ser mais do que uma ferramenta de intimidação, mas uma maneira do professor obter subsídios para analisar qual a real situação dos alunos, podendo assim, juntamente reorganizar sua forma de atuação visando o aprendizado não apenas para um momento específico, mas sim, a longo prazo. Porém, a ideia de punição existe há muito tempo e já está arraigada na cultura das pessoas, conforme LUCKESI (1999, p.77) “um dos principais desafios educacionais é esclarecer as pessoas que elas não estão passando por um processo de punição, mas de direcionamento da aprendizagem e seu consequente desenvolvimento”.

Como pode ser visto na sociedade contemporânea, a consciência da necessidade de absorver conhecimento, para utilizá-lo no cotidiano, parece não existir. Concentra muito nos resultados obtidos nas avaliações sejam elas nas séries iniciais até o próprio vestibular, com isso valorizam-se mais a nota final e não a maneira com que ela foi obtida, ignorando o fato de que talvez ela tenha sido alcançada por mecanismos que desrespeitem as normas daqueles a quem lhe avalia.

Considerando que mudar a maneira com que se avalia no contexto escolar brasileiro, talvez seja o sonho de muitos professores, no entanto, levando em consideração o fato de que existe uma relação de concordância entre a maioria dos pais e as instituições essa mudança parece estar cada vez mais longe. Essa concordância pode ser vista quando se vê pais de crianças e adolescentes exigindo deles notas, resultados, ignorando se apenas a matéria foi decorada apenas para aquela avaliação e posteriormente cairá no esquecimento. Com o mundo globalizado, esses mesmos pais têm cada vez menos tempo para acompanhar o desenvolvimento dos filhos, repassando essa responsabilidade para terceiros (avós, tios, babás) que certamente não terão o mesmo comprometimento que um pai, ou uma mãe teriam.

Segundo Marcetto (*apud Coelho*, 2004, p.12) existem alguns princípios que devem ser ressaltados quando realmente existe a preocupação com o aprendizado da criança, são eles:

1-A aprendizagem deve envolver o aluno, ter um significado com seu contexto, para que realmente aconteça.

2-A aprendizagem é individual, por isso leva mudanças individuais.

3-Objetivos reais devem ser estabelecidos para que a aprendizagem possa ser significativa para os alunos.

4-Como a aprendizagem se faz um processo contínuo, ela precisa ser acompanhada de feedback visando oferecer os dados para eventuais correções.

5-Como a aprendizagem envolve todos os elementos do sistema , o bom relacionamento interpessoal é fundamental.

Por meio da citação anterior é possível ressaltar que para uma avaliação surtir efeitos positivos ela deveria ser precedida de um processo de ensino-aprendizagem eficaz, ou seja, um sistema que considere a significação que o conteúdo possua com o contexto da criança, também os processos individuais por qual ela passa, ainda com

metas definidas, permeada por feedbacks e um imprescindível bom relacionamento interpessoal, já que quando é estabelecida uma relação de afeto entre aquele que ensina e aquele que aprende há maiores chances de resultados mais eficazes nas práticas avaliativas.

Logo, vê-se que as práticas avaliativas no Brasil ainda estão longe de ser as propostas pelos teóricos e estudiosos.

## **REFERÊNCIAS**

FERREIRA, Aurélio. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Froteira, 1990.

FONTANA, Roseli A.C. *Mediação Pedagógica na sala de aula*. Campinas: Autores Associados, 2000.

LIMA, Elvira Souza. Avaliação na Escola. São Paulo, SP: Sobradinho 107 Ltda ME, 2003.

LUCKESI, Cipriano. Avaliação e aprendizagem escolar. São Paulo: Cortez, 1995.

LUCKESI, Cipriano. Avaliação da aprendizagem escolar. São Paulo: Cortez, 2003.

LUCKESI, Cipriano C. Avaliação da Aprendizagem Escolar. 17<sup>a</sup> ed. São Paulo, SP: Cortez, 2005.

COÊLHO, Patrícia Colli. Avaliação como Meio de Exclusão Social do Educando. Acesso em 25 de Jul. de 2016. Disponível em <<http://www.avm.edu.br/monopdf/8/PATRICIA%20COLLI%20COELHO.pdf>>